

Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação
Seminários de Epistemologia e Didática – 1º semestre / 2005
Coordenador: Prof. Dr. Nílson José Machado

EROS E CONHECIMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Vladimir Fernandes
vladfernandes@ig.com.br

Outros já passaram por esta Senda; por isso a novidade de tudo o que eu digo de novo está na força da repetição. A força do Sábio está em saber dizer o já dito com o mesmo vigor com que foi dito pela primeira vez. Jaa Torrano

Este texto busca refletir sobre a seguinte questão: *O Eros é necessário ao conhecimento?* E antes de responder essa pergunta cabem, pelo menos, duas outras: *qual Eros? qual conhecimento?*

Vamos conceber aqui o conceito de conhecimento num sentido amplo e genérico. Conhecimento como possibilidade humana de significar o mundo, ou seja, como uma forma de explicar a realidade¹. Já o conceito de “necessário” será tomado aqui como pressuposto, como condição ao dito conhecimento. E quanto ao Eros? Em caso de resposta positiva, qual Eros é necessário ao conhecimento? O Eros primordial que relata Hesíodo na sua Teogonia? O Eros filho de Afrodite? O Eros que narra Platão, pela boca da sacerdotisa Diotima no Banquete? Ou os outros Eros que a tradição ocidental herdou? Bem, vamos abordar os três primeiros, que se tornaram clássicos na tradição ocidental.

Na Teogonia de Hesíodo o Eros primordial é aquele que aparece no início dos tempos, depois de Khaos, Gaia (Terra) e Tártaro e manifesta a força fundamental do vir a ser do universo. É o quarto elemento das entidades primordiais que construíram o mundo: Khaos, Gaia, Tártaro e Eros. A função desse Eros primitivo era de trazer a claridade o que estava oculto nas trevas das forças primordiais, garantir a propulsão e coesão do cosmos.

No Eros filho de Afrodite (Vênus), há variações que ora apresenta como pai Ares (Marte) ora Hermes (Mercúrio), ora sem filiação paterna, nascido das pegadas de Afrodite na ilha de Chipre. Em todo caso, posteriormente, tomou força a imagem do garotinho loiro e alado, inocente e artemido que se diverte em atirar flechas envenenadas de amor e paixão.

Já o Eros platônico foi exposto no Banquete pela boca de Sócrates, que por sua vez narra o que lhe falou a sacerdotisa Diotima. Houve um banquete nos jardins do

¹ Portanto, não serão analisados as várias concepções e os vários problemas que envolvem o processo de conhecimento.

monte Olimpo para celebrar o nascimento de Afrodite², após o mesmo, Penúria (Pobreza) apareceu para mendigar restos de comida e encontrou Póros (Expediente/Riqueza) dormindo embriagado pelo néctar. Penúria deitou-se com ele e concebeu Eros.

Dessa forma a questão inicial de que o Eros é necessário ao conhecimento deve ser analisada em diferentes perspectivas conforme o Eros focado.

O Eros primordial que relata Hesíodo é um Eros surgido na origem do mundo, numa época que ainda não havia seres humanos. Portanto, é uma força que atua no universo garantindo o vir a ser do mesmo, é um amor universal e ao mesmo tempo uma espécie de Eros cosmológico. É uma energia que une os elementos masculinos e femininos do cosmos para assegurar a reprodução e a expansão do mesmo. Assim, esse Eros tem uma atuação mais ampla em relação à construção do universo e não especificamente em relação aos seres humanos, que surgirão posteriormente e serão influenciados diretamente pelo Eros flecheiro.

O Eros filho de Afrodite, por ser uma criança representa ao mesmo tempo a eterna juventude, mas também um certo grau de irresponsabilidade em flechar suas vítimas. Suas flechas poderiam despertar a paixão ou a rejeição. No primeiro caso, os que foram atingidos passam a desejar cegamente seu objeto de desejo fazendo qualquer coisa para alcança-lo. Já, no segundo caso, suas vitimas passam a rejeitar e desprezar totalmente o amor devotado a elas. Dessa forma, aqueles que estão sob efeito das flechas de Eros, não elegem livremente seu objeto de desejo e enquanto estão sob efeito dessas flechas ficam como se estivessem possuídas por um déspota, inviabilizando quaisquer outras ações que não digam respeito àquilo que é ou não desejado.

O Eros que nos informa Platão, no Banquete, não é um deus. É um espírito, um meio termo entre o mortal e o divino, já que devido a sua filiação não possui os mesmos atributos dos deuses, como por exemplo, a posse das coisas boas e belas. Nascido de Penúria (Pobreza) e Póros (Expediente/Riqueza) herdou as características de ambos: como a mãe é um eterno mendigo, passa a vida andando descalço, poeirento, na indigência buscando aquilo que carece. Da parte do pai herdou a admiração do que é belo e bom, é talentoso e capaz de inventar planos para alcançar seus intentos. Também fica a meio termo entre a sabedoria e a ignorância; se fosse um deus seria um sábio e como eles, não precisaria filosofar para adquirir sabedoria, pois já a possuiria. Se fosse ignorante, não se entregaria a filosofia também, pois não tendo consciência do que lhe falta, também não iria procurar a sabedoria. Assim conclui Platão que o amor é um filósofo:

Com efeito, o saber está entre as coisas mais belas é o Amor é o desejo do belo; portanto, forçosamente o amor é filósofo e, sendo filósofo está situado entre o sábio e o ignorante. Ainda é sua origem a causa disso, pois é filho de um pai sábio e industrioso e duma mãe ignorante e apalermada. (p.76)

Dessa forma, aqueles que desejam o conhecimento estão possuídos de Eros, do desejo de conhecer as coisas boas e belas. Não desejar conhecer significa ou que já

² Trata-se aqui da Afrodite Urânia. Platão estabeleceu uma rígida distinção entre a Afrodite Pandêmia, a venerada por todos e deusa do amor carnal e a Afrodite Urânia, a deusa do amor puro e superior, filha do Céu Urano.

se conhece, como os deuses, ou que não se tem consciência da necessidade de conhecer, como os ignorantes.

Mas como fica a relação entre o Eros e o conhecimento no Eros primordial e no Eros filho de Afrodite? Pode-se afirmar que são importantes para o conhecimento?

Antes de responder essas questões se faz necessário fazer um pequeno preâmbulo. O Eros primordial e o Eros filho de Afrodite são elementos de uma concepção mítica. E o que é uma concepção mítica, ou melhor, o que são mitos? São os resultados de experiências afetivas coletivas que visam interpretar, dar um sentido ao mundo. O problema sobre o conhecimento sempre preocupou o ser humano, mesmo quando ele não tinha isso claramente explicitado. Encontramos no mito a primeira tentativa de se “conhecer” o mundo, ou de pelo menos de lhe atribuir um sentido. O homem primitivo diante de um mundo desconhecido, cheio de mistérios como o nascimento, a morte, a sucessão alternada entre dias e noites, as mudanças climáticas etc, tinha necessidade de entender esse mundo. Essa necessidade é própria da condição humana já que o ser humano, diante do medo e do desconforto produzido pelo desconhecido precisa dar-lhe sentido. O caos necessita ser ordenado pela cosmogonia mítica para o ser humano encontrar o seu lugar. Da mesma forma que o ser humano teve de construir suas armas, ferramentas, roupas, moradia etc, teve também de construir uma linguagem, dar nome às coisas, atribuir sentido ao existente. Quando os seres humanos chegam ao mundo não existem as respostas para suas inquietações. Precisa elaborar tanto às respostas quanto às próprias perguntas.

Assim, o Eros primordial e o Eros filho de Afrodite são necessários ao conhecimento, porque na verdade são as manifestações de uma forma muito especial de conhecer: a forma mítica.

O Eros primordial explica o vir a ser do mundo. A princípio havia apenas o Khaos e depois, das suas entranhas, surgem os outros seres: Gaia, Tártaro e Eros. Gaia (Terra), por bipartição, gera e dá a luz a Urano (Céu), Montanhas e Mar. Depois Eros entra em cena para produzir a união entre o masculino e feminino das entidades primordiais. Faz Terra e Céu unirem-se e, dessa forma, concebem vários filhos. Estes, por sua vez, conceberão e gerarão outros e assim sucessivamente. Esse Eros primordial não gera filhos de si mesmo, mas é o responsável para que os outros seres gerem, é aquele que une os elementos separados para que haja concepção e nascimentos. É esse Eros que explica a união e a geração das entidades primordiais e divinas, que explica o próprio acontecer do universo e de seus elementos.

O Eros filho de Afrodite é um Eros que foi antropomorfizado na figura de uma criança alada, ao mesmo tempo, inocente e inseqüente. É responsável pelo desejo ou rejeição entre os seres e tal fato leva a concepção e a propagação da espécie humana.

Assim, esses dois Eros, na verdade, são as explicações do impulso gerador do universo e dos seres humanos. Daí que estes Eros são necessários ao conhecimento, porque são a exemplificação e manifestação do próprio desejo de conhecer, mesmo que de forma inconsciente. Ou seja, as várias concepções míticas – entre elas a de Eros – revelam o próprio desejo (Eros) de conhecer. Essas concepções atestam o próprio Eros presente no ser humano, ou seja, testemunham que o ser humano é um

ser que busca explicações e atribui sentidos para o mundo e seus elementos. Mesmo que essas explicações míticas possam parecer fantásticas, ilógicas ou inverossímeis, elas são, na verdade, o resultado do desejo, e também da necessidade, de atribuir sentido ao existente. Desejo movido pela necessidade de apaziguar o medo e a insegurança que a ausência de um sentido ou de explicações traz, mesmo que não haja consciência de sua produção explicativa.

Em relação ao “mito” platônico do Eros, na verdade não se pode chamá-lo de mito, porque conforme foi abordado acima, os mitos resultam das experiências coletivas dos seres humanos, que não se reconhecem como produtores desses mitos. O mito de Eros construído por Platão, assim como outros de sua autoria, não podem ser considerados mitos genuínos.³ Em Platão, os “mitos” foram elaborados de forma livre, com finalidades éticas e pedagógicas definidas. Platão não estava submetido ao seu poder.

Dessa forma, o que Platão busca é elaborar e justificar um Eros filósofo. A propósito, a própria etimologia da palavra filosofia aponta para o desejo de conhecer. Segundo a tradição foi o pensador Pitágoras de Samos que cunhou a palavra Filosofia. Segundo ele, a sabedoria é um atributo dos deuses, mas os mortais podem desejá-la, podem amá-la, transformando-se em filósofos. A palavra *philosophia* é composta de *philia*, que significa união, amizade, amor fraterno e *sophia*, que deriva de *sophos*, sábio. Assim, Filosofia significa a busca amorosa pela sabedoria, desejo, amizade em relação ao saber. Fica claro que o filósofo é aquele que busca aquilo que não tem: o conhecimento. E para buscar é necessário desejar, estar possuído pelo Eros, filho de Penúria (Pobreza) e Póros (Expediente/Riqueza).

Diante do que foi exposto, podemos concluir que o Eros, ou os diferentes Eros, são necessários ao conhecimento. O Eros primitivo e o Eros filho de Afrodite, manifestam um desejo inconsciente de conhecer. Já o Eros platônico, busca, alegoricamente, justificar de forma consciente esse desejo e seus objetivos.

Dessa forma, os diferentes Eros, na verdade são as diversas manifestações de uma unidade básica da condição humana: o desejo de conhecer ou de atribuir sentido ao mundo.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis, R.J: Vozes, 1991.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia de las formas simbólicas II: el pensamiento mitico**. Fondo de Cultura Economica, 1998.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- HESÍODO. **Teogonia: A origem dos deuses**. Estudo e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda, 2003.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: los ideales de la cultura griega**. México: Fondo de Cultura Economica, 2001, livro III.
- PLATÃO. **Diálogos**. Trad. e seleção Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix.
- VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Trad. Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

³ Por isso mesmo é mais correto designa-los como alegorias.